



**A KSA EM CONSTRUÇÃO:  
O MOVIMENTO HIP-HOP EM PELOTAS (2000-2012)**

Paulo Renato Souza Ienczak<sup>1</sup>

**Resumo:**

Meu trabalho consiste em investigar as mudanças ocorridas no movimento hip-hop de Pelotas entre 2000-2012, principalmente o choque entre gerações que marca o gênero durante o período. Minha metodologia principal será a história oral, mas também buscarei dados em jornais locais como o Diário da Manhã e Diário Popular. Pretendo compreender o que significa o hip-hop para a vida de seus adeptos e também para o circuito cultural/musical pelotense.

**Introdução**

Irei fazer ao longo do texto reflexões acerca de minhas concepções sobre o grupo cultural que investigo, que podem servir também para pesquisas com outros grupos culturais, não somente os envolvidos com o hip hop, bem como minha metodologia, minha relação com a área de conhecimento História e algumas teorias que estudamos ao longo do semestre.

A partir de um artigo que aborda os desafios do campo de pesquisa da temática hip-hop, escrito por MENEZES e COSTA (2010), da área da Psicologia, irei partir para alguns textos teóricos que abordam aspectos interessantes os quais identifiquei semelhanças no grupo cultural que se faz centro de meu estudo, ao mesmo tempo em que analiso as dissertações de VIEIRA (2008) e BRIÃO (2010) como material bibliográfico específico sobre o hip hop pelotense.

**Desenvolvimento**

MENEZES e COSTA vão expondo suas orientações teóricas para uma pesquisa de campo sobre o movimento hip hop em determinada cidade, metrópole da região nordeste do Brasil, aonde as autoras buscavam, dentre outras coisas, investigar como os jovens envolvidos com esse tipo de cultura se posicionavam sobre determinados assuntos e como o movimento

---

<sup>1</sup> Universidade federal de Pelotas, mestrando, bolsista CAPES, pauloienczak@gmail.com.



inseriria estes atores sociais em debates de interesse social. Seu objetivo maior com o artigo, no entanto, é discutir algumas peculiaridades sobre o próprio ato de pesquisar, a partir de sua experiência enquanto pesquisadoras do hip hop.

Uma das primeiras impressões das autoras com que me identifiquei foi o fato de que a história das origens e desenvolvimento do hip hop pode ter várias interpretações e versões dependendo de quem estiver contando:

A partir da imersão no campo-tema, identificamos a diversidade de modos de dizer sobre as origens e o desenvolvimento dos elementos. Atribuimos tal diversidade ao fato de que se trata de uma experiência social coletiva, com pouco registro por parte dos atores envolvidos diretamente na cena, o que gera múltiplas versões. Em meio a essa diversidade, nossa opção foi contar a história a partir dos traços relevantes para nossos informantes. (MENEZES; COSTA, 2010, p.458)

Ao pesquisar o hip hop nos deparamos com a existência de vários pontos discordantes e outros concordantes nas narrativas sobre as origens da cultura/movimento e a partir dessas narrativas das memórias é que vão sendo construídas as diferentes identidades existentes dentro do movimento.

Michael Pollak em seu clássico texto “Memória e identidade social” discute algumas noções que se tornaram a base para compreender a relação da memória com a construção de identidades individuais e de grupos. Pollak diz:

[...] a priori a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992, p. 201)

Tais transformações e flutuações na memória ao longo do tempo ocorrem de acordo com as pautas e exigências do presente, que de acordo com a conjuntura social, as necessidades econômicas e a situação política, vão sofrendo alterações e adaptações. Isso se verifica em grupos ou culturas que existem por um período de tempo mais extenso, aonde mais de uma geração aparece como protagonista da história, geralmente trazendo novos valores e resignificando práticas.

Um dos objetivos de minha pesquisa é investigar as relações intergeracionais travadas internamente no hip hop pelotense, semelhante ao que fez MARTINS (2004) em seu trabalho de dissertação sobre as vivências da juventude nos bailes de charme do Rio de Janeiro.



No hip hop pelotense imagino que irei encontrar tais diferenças nas falas sobre a origem do movimento no âmbito local e mundial, no entanto é difícil generalizar afirmando que existe pouco registro por partes das pessoas diretamente envolvidas na cena, já que durante minha pesquisa de TCC, sobre as festas de música charme em Pelotas, entrevistei ativistas do movimento que mantinham um acervo relativamente sistematizado com recortes de jornais, cartazes, panfletos, ingressos de festas e outros registros da história do charme e também do hip hop.

Para que tenhamos um melhor entendimento de como a memória opera na construção das identidades é importante termos em vista como as pessoas constroem, mesmo inconscientemente suas identidades individuais:

A identificação é, pois, um processo de articulação [...] Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *différance* [...] ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora- o exterior que a constitui. (HALL, 2012, p. 106)

As relações intergeracionais no hip hop pelotense então perpassam um embate identitário já que há no movimento uma forte disputa em torno da hegemonia do que seria a concepção de um “hip-hop verdadeiro”: como a identidade se constrói pela diferença (SILVA, 2012), há uma tensão por parte dos militantes mais antigos que enxergam muitas das diferenças, antes vistas com desconfiança, agora incorporadas ao discurso da nova geração que começa a fazer hip-hop em Pelotas, a maioria surgindo durante o intervalo temporal a ser investigado.

Um dos pontos importantes da história que são reconhecidos pela maioria dos produtores de hip hop é o pioneirismo de AfrikaBambaataa, um dos criadores do movimento Zulu Nation, que trabalha com o hip hop e organiza seus quatro elementos, adicionando também o conhecimento como o quinto elemento importante, além do DJ, mestre de cerimônia (Mc) que faz as rimas das músicas rap, a dança de rua ou break, feita pelos b. boys e b. girls e o grafite, arte plástica feita nos muros e vagões de metrô das cidades. “Analisando a situação de vida dessa juventude, AfrikaBambaataa, um dos DJs pioneiros no Bronx, propôs reduzir a violência entre as gangues, que passariam a resolver suas diferenças por meio da dança.” (MENEZES; COSTA, 2010, p.458).



MENEZES e COSTA começam seu artigo delimitando o que chamam de “campo-tema”, aonde é contada um pouco a história das origens sociais do hip hop, descrevem cada um dos elementos e depois declaram que no Brasil ele é essencialmente uma cultura urbana das grandes capitais, identificada principalmente nas periferias e produzida por jovens desse contexto, aonde a violência e os problemas socioeconômicos são intensamente presentes. Ao fim dessa primeira parte citam que o hip hop aparece como um meio dos jovens poderem resistir a essa situação de pobreza e criminalidade, esse aspecto sendo reforçado/comprovado por pesquisadores que trabalham com o tema. Aqui encontro uma das constatações de que falam SILVA e SILVA (2008):

Portanto, trata-se de entender a fabricação do subúrbio e da juventude como problema social, analisando, assim, as concepções que dão sustentação aos ideais corretivos e moralizantes que as abordagens sobre o hip-hop através de uma ênfase nos seus benefícios identitários [...] (SILVA e SILVA 2008, p. 135).

É destacado pelos autores Silva e Silva o fato de que grande parte das pesquisas encara o hip-hop como uma ferramenta de prevenção à violência, por construir identidades mais “amenas” em sujeitos até então vivendo às margens da sociedade, em localidades periféricas. O hip-hop então seria um modo de prevenir a violência supostamente potencial desses indivíduos, pois ele seria um incentivador de “identidades boas”, considerando identidade como um local que constrói e incentiva o pior ou o melhor nos indivíduos. Muitos autores aliam o conceito de identidade com o de cidadania, falando em uma identidade cidadã: “envolve (sua concepção sobre Hip-hop) a afirmação de identidades sociais, não a afirmação da identidade estigmatizada, mas da identidade cidadã [...] (ALMEIDA, 1996, p. 180).

Em meu trabalho busco fugir dessa lógica do paradigma preventivo, por entender que no hip hop, bem como em outros grupos e associações humanas, existem vários tipos de pessoas diferentes e também diversos estilos de se fazer o rap e as outras manifestações do movimento. “Na produção do rap nacional brasileiro, encontramos diversidade discursiva, que abrange diferentes posicionamentos, tais como: político, gospel, 'gangsta' e comercial.” (MENEZES; COSTA, 2010, p.458). Dentro dessa diversidade, nem todos os envolvidos tem, necessariamente, uma preocupação com a conscientização da juventude por meio da arte.

Outro aspecto que procuro ter em mente em relação a meu objeto de estudo é o fato de que a recepção das mensagens das músicas rap e da mensagem de conscientização presente



nos outros elementos do hip hop nem sempre é assimilada integralmente, mesmo pelos fãs do estilo. Como trata FELIX (2000) em seu trabalho de dissertação, ao constatar que grande parte dos frequentadores das festas black da cidade de São Paulo elencavam o grupo Racionais Mc's, conhecido por suas letras de protesto social, como sendo seu favorito dentre os músicos brasileiros:

Tudo isso poderia levar a uma interpretação que destacasse a politização dos frequentadores dos bailes. Nesse sentido, podemos afirmar que as pessoas desses bailes, ao escolherem os Racionais MC's como o grupo musical de sua maior preferência, não estão, necessariamente, de acordo com a postura político-ideológica assumida pelos mesmos. Isto é, elas não são, necessariamente, defensoras dos postulados "revolucionários" defendidos por estes rappers. Ou seja, elas podem não seguir o que eles pregam, mas, com certeza, não estão em desacordo com o discurso. Na verdade, parecem consumir antes a moda e depois o conteúdo político que, nesse caso, vem a reboque. (FELIX, 2000, p. 76)

Analisando então a citação acima se pode ver que a parte estética é que primeiramente chama a atenção dos entrevistados de Felix, podendo estes então assimilar o conteúdo político das letras das músicas ou não. Tal recepção parcial de um produto artístico pode ser recorrente também em indivíduos de outros grupos culturais, assim como no hip hop pelotense.

Minha orientação teórica tem muito a ver com BORDIEU quando este fala, em seu clássico "O poder simbólico", sobre qual deve ser a função da teoria para os intelectuais e pesquisadores: "Tratar da teoria como um *modus operandi* que orienta e organiza praticamente a prática científica é, evidentemente, romper com a complacência um pouco feiticista que os 'teóricos' costumam ter para com ela." (BORDIEU, 1998, p. 60). Compreendo que ele queria dizer que a teoria e as hipóteses ou evidências não devem ser algo que engesse a pesquisa, mas sim uma espécie de luz que auxilie no entendimento do objeto ou situação social investigada, semelhante ao que defende também o historiador inglês Thompson em "A miséria da teoria".

A evidência histórica possui determinadas propriedades e, nesse sentido, embora "lhes possam ser formuladas quaisquer perguntas, apenas algumas serão adequadas" (Thompson, 1978, p.231-232). Sendo assim, são falsas todas as teorias que não estiverem em conformidade com as determinações da evidência. (MULLER, 2007, p.114-115)



Após a realização das entrevistas, que são minha principal fonte, é que irei ter certeza de que o quadro teórico escolhido é o mais adequado para se entender o hip hop pelotense.

## **Conclusão**

O conhecimento prévio adquirido por conta de meu envolvimento com o hip hop, e também minhas leituras sobre o assunto, proporcionaram-me base para investigar certas problemáticas recorrentes nos diversos contextos do movimento em outras localidades, que podem ou não ter correspondência com a realidade do movimento em Pelotas.

O hip hop e a história oral se relacionam muito bem enquanto objeto e metodologia, e meu maior desafio na dissertação será selecionar os textos mais adequados de cada assunto, e que casem com as demais teorias, já que ambos possuem ampla bibliografia e que, no caso do hip hop, ultrapassa a área de História, exigindo o diálogo com outras disciplinas, como foi possível verificar ao longo do texto.

## **Referências**

ALMEIDA, R. **Violência urbana, inclusão social e identidade**. In.: LINS, D.; BARREIRA, C. (Org.). Poder e Violência. Fortaleza: EUCF, 1996.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BRIÃO, Horácio da Rosa. O rap pelotense manda um salve: um estudo sobre juventude, quilombismo urbano e inclusão social. 2010. 169f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

FELIX, João Batista J. Chic Show e Zimbabwe: a construção da identidade nos bailes black paulistanos. 2000. 202p. **Dissertação de Mestrado**. Mestrado em Ciência Social (Antropologia Social) Universidade de São Paulo.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? SILVA, Tomaz T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MARTINS, Carlos H. S. MEMÓRIA DE JOVENS: diálogos intergeracionais na cultura do Charme. 2004. 133p. **Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Educação. Universidade Federal Fluminense.

MENEZES-Santos, J. A. ; COSTA, M. R. . Desafios para a Pesquisa: o campo-tema Movimento Hip-Hop. **Psicologia e Sociedade** (Impresso), v. 22, p. 457-465, 2010.



MÜLLER, R. G. . Revisitando E. P. Thompson e a Miséria da Teoria. **Diálogos** (Maringá. Impresso), v. 11, p. 97-136, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol5, n. 10, 1992, p.200-212.

SILVA, Rodrigo Lages e ; SILVA, Rosane de Azevedo Neves da . Paradigma Preventivo e Lógica Identitária nas abordagens sobre o Hip-hop. Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 20, p. 135-148, 2008.

SILVA, Tomaz T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

VIEIRA, Maria Raquel Rodrigues. “Minha palavra vale um tiro. Eu tenho muita munição”: movimento Hip-hop e a fabricação de identidades. 2008. 148f. **Dissertação (Mestrado em Educação)** – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas.